

Não são criminosos. São criaturas carentes de mais proteção, de mais amor.

Porque, se os nossos companheiros enveredam pelo caminho do tóxico, eles procuram esquecer algo.

E esse algo são eles mesmos.

Então, precisávamos, talvez, reformular nossas concepções sobre vício.

Há pouco tempo perguntamos ao Espírito de Emmanuel como é que ele definia um criminoso.

Ele nos disse:

“- O criminoso é sempre um doente, mas se ele for culpado, só deve receber esse nome depois de examinado por três médicos e três juízes.”

Depois, a uma referência aos desequilíbrios políticos e sociais da Terra, o confrade Francisco Cândido Xavier fez este oportuno lembrete:

- Pensamos com aquela assertiva do nosso André Luiz, que é um Mentor que todos nós respeitamos: “Se cada um de nós consertar por dentro tudo aquilo que está desajustado, tudo por fora estará certo.”

(Transcrito do SEI, nº 589 - “O Espírita Mineiro”, Belo Horizonte, Minas - julho/agosto/setembro - 1979).

4

NA TAREFA MEDIÚNICA

*(Entrevistando o médium Francisco Cândido Xavier -
Geraldo Lemos Neto, União Espírita Mineira).*

- No seu primeiro encontro com Emmanuel, ele enfatizou muito a disciplina. Teria falado algo mais depois?

- Depois de haver salientado a disciplina como elemento indispensável a uma boa tarefa mediúnica, ele me disse:

- Temos algo a realizar.

Repliquei de minha parte qual seria esse algo e o Benfeitor esclareceu:

- Trinta livros para começar.

Considere então de minha parte:

- Como avaliar esta informação se somos uma família sem maiores recursos além do nosso próprio trabalho diário, e a publicação de um livro demanda muito dinheiro...

Já que meu pai lidava com bilhetes de loteria, eu acrescentei:

- Será que meu pai vai ganhar a sorte grande?

Emmanuel respondeu:

- Nada, nada disso, a maior sorte grande é o trabalho com a fé viva na Providência Divina. Os livros chegarão através de caminhos inesperados.

Algum tempo depois, enviando as poesias do "Parnaso de Além-Túmulo" para um dos diretores da Federação Espírita Brasileira, tive a grande surpresa de ver o livro aceito e publicado em 1932.

A este livro se seguiram outros e, em 1947, atingíamos os trinta livros.

Ficamos muito contentes e perguntei ao Amigo Espiritual se a tarefa estava terminada.

Ele então considerou, sorrindo:

- Agora começaremos uma nova série de trinta volumes.

Em 1958 indaguei-lhe novamente se o trabalho finalizara.

Os sessenta livros estavam publicados e eu me encontrava quase de mudança para a cidade de Uberaba, onde cheguei a 5 de janeiro de 1959.

O grande Benfeitor explicou-me com paciência:

- Você perguntou em Pedro Leopoldo se a nossa tarefa estava completa e quero informar-lhe que os Mentores da Vida Maior, perante os quais devo também estar disciplinado, advertiram-me que nos cabe chegar ao limite de cem livros.

Fiquei muito admirado e as tarefas prosseguiram.

Quando alcançamos o número de cem volumes publicados, voltei a consultá-lo sobre o termo de nossos compromissos.

Ele esclareceu, com bondade:

- Você não deve pensar em agir e trabalhar com tanta pressa.

Agora estou na obrigação de dizer-lhe que os Mentores da Vida Superior, que nos orientam, expediram certa instrução que determina seja a sua atual reencarnação desapropriada, em benefício da divulgação dos princípios espíritas cristãos, permanecendo a sua existência, no ponto de vista físico, à disposição das Entidades Espirituais que possam colaborar na execução do programa das mensagens e livros, enquanto o seu corpo se mostre apto para as nossas atividades.

Muito desapontado, perguntei:

- Então devo trabalhar na recepção de mensagens e livros do Mundo Espiritual até o fim da minha vida atual?

Emmanuel acentuou:

- Sim, não temos outra alternativa.

Naturalmente, impressionado com o que ele dizia, voltei a interrogar:

- E se eu não quiser, já que a Doutrina Espírita nos ensina que somos portadores do livre-arbítrio para decidir sobre os nossos próprios caminhos?

Emmanuel fez então um sorriso de benevolência paternal e me cientificou:

- A instrução a que me refiro é semelhante a um decreto de desapropriação, quando lançado por autoridades da Terra.

Se você recusar o serviço a que me reporto, segundo creio, os Orientadores dessa obra de nos dedicarmos ao Cristianismo Redivivo, de certo que eles, os Orientadores, terão autoridade bastante para retirar você do seu atual corpo físico.

Quando eu ouvi esta declaração dele silencieei para pensar na gravidade do assunto, e continuo trabalhando sem a menor expectativa de interromper ou dificultar o que passei a chamar por "Designios de Cima."

("O Espírita Mineiro" - Belo Horizonte, Minas - abril/junho - 88).

5

A FIGURA DE COMUNICAÇÃO DE FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

ARTUR DA TÁVOLA

Independente de qualquer posição pessoal, crença ou convicção, a figura de comunicação de Francisco Cândido Xavier percorre décadas da vida brasileira operando um fenômeno (refiro-me à comunicação terrena mesmo) de validade única, peculiar, originalíssima. Não vou, portanto, por falta de autoridade para tal, analisá-lo do ângulo religioso e, sim, as relações de sua figura de comunicação com o público.

Com todos os significantes necessários a já ter desaparecido ou ter-se isolado como um fenômeno passageiro, a figura de comunicação de Francisco Cândido Xavier, no entanto, ganha um significado profundo, duradouro, acima e além de paixões religiosas, doutrinas científicas ou interpretações metafísicas.

A inexistência de um tipo físico favorecedor, funciona como outro curioso paradoxo a emergir da figura de comunicação de Chico Xavier.